

## A Geografia no Ensino Médio e o uso das Histórias em Quadrinhos na Questão Étnico-Racial

The Geography in High School and the use of Comic Books and the Ethnic on Racial Issue

Clézio dos Santos\*

**Resumo:** O texto trabalha a questão étnico-racial com base na Lei 10.639/03, desconstruindo imagens negativas da África e valorizando o afro-brasileiro no ensino de geografia por meio de uma proposta de projeto educacional. O projeto Os super-heróis negros nas histórias em quadrinhos brasileiras é voltado para o ensino médio e procura ressaltar a necessidade de uma educação para a igualdade racial. O ensino de geografia deve colaborar com o rompimento dos modelos orientados historicamente de forma eurocêntrica e hegemônica e colaborar na construção de uma educação étnico-racial nas escolas brasileiras de forma igualitária.

**Palavras-chave:** ensino de geografia, histórias em quadrinhos, questão étnico-racial, afro-brasileiros.

**Abstract:** The text works the ethnic and racial issue based on Law 10.639/03, Deconstructing negative images of Africa and valuing the Afro-Brazilian in teaching geography through a proposal of project. The project black super heroes in comic books in Brasil is geared toward high school and seeks to emphasize the need for education for racial equality. The teaching of geography should collaborate with the severing of historically-oriented models of

### Introdução

No Brasil a partir dos anos de 1970/80 se procurou conferir ao conhecimento geográfico uma prática voltada para compreender as contradições inerentes ao espaço geográfico, e comprometida com a transformação social. Esse período ficou conhecido como “renovação da geografia”, onde novos temas foram incorporados nas pesquisas e debates relacionados à construção do saber geográfico.

Entretanto algumas temáticas geográficas tanto no processo de renovação como no período pós-renovação não foram contempladas, deixando uma grande lacuna até os dias atuais, como, por exemplo, as discussões étnico-raciais na construção dos diferentes

\* Prof. Adjunto do Instituto Multidisciplinar (IM) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: clezio.santos@ig.com.br

Eurocentric and hegemonic manner and collaborate in the construction of a racial-ethnic education in Brazilian schools of equal.

**Keywords:** teaching geography, comic books, ethnic and racial issue, Afro-Brazilians.



espaços e o continente africano na sua multidimensionalidade.

O objetivo do texto é trabalhar a questão étnico-racial com base na Lei 10.639/03, desconstruindo imagens negativas da África e valorizando o afro-brasileiro no ensino de geografia por meio de uma proposta metodológica alicerçada na pedagogia de projetos. *Os super-heróis negros nas histórias em quadrinhos brasileiras* é um projeto educacional de geografia voltado para o ensino médio e procura ressaltar a necessidade de uma educação para a igualdade racial.

De Zumbi de Palmares a Lei 10.639/03 vários foram os períodos e espaços de lutas dos negros brasileiros; seja individualmente para sobreviver nos espaços excludentes do campo e das grandes cidades brasileiras, seja coletivamente nos diversos movimentos negros de lutas e resistências como o Movimento Negro Unificado (MNU), a Comissão Nacional de Articulação dos Quilombos, entre outros. Os afro-brasileiros sempre lutaram contra os opressores para se libertarem das senzalas, pela abolição, por trabalho, por terra, pela educação e pela cultura. Somado a essa luta temos a Lei 10.639/03.

A Lei 10.639, promulgada em janeiro de 2003, é atualmente o principal instrumento de combate ao racismo no campo da educação. Fruto de lutas históricas do Movimento Negro Brasileiro, ela vem tendo sua aplicação marcada por uma pluralidade de formas de atuação deste movimento

social, que dá cada vez maior amplitude e complexidade aos desdobramentos da Lei. (SANTOS, 2011, p.5)

Concordamos com Santos (2011) quando destaca que a Lei reposiciona o negro e as relações raciais na educação – transformando em denúncia e problematização o que é silenciado (como, por exemplo, o racismo no cotidiano escolar), chamando a atenção para como conhecimentos aparentemente “neutros” contribuem para a reprodução de estereótipos e estigmas raciais e para o racismo. A Lei 10.639/03 nos coloca o desafio de construir uma educação para a igualdade racial, uma formação humana que promova valores não racistas.

Assim, a educação é aqui apreendida fundamentalmente como:

[...] a formação do ser humano para desenvolver suas potencialidades de conhecimento, julgamento e escolha para viver conscientemente em sociedade, o que inclui também a noção de que o processo educacional, em si, contribui tanto para conservar quanto para mudar valores, crenças, mentalidades, costumes e práticas. (BENEVIDES, 1998, p. 34 e 35).

Para tanto, é preciso que a educação promova a formação intelectual e a informação do ser humano, isto é, colabore para o seu desenvolvimento ou capacidade de conhecer para escolher. Desta forma, “é preciso começar por informá-lo e introduzi-lo nas diferentes áreas do conhecimento, inclusive pela literatura e as artes em geral” (BENEVIDES, 1998, p. 35).

A educação é concebida, portanto, como elemento vital para a conquista e reprodução constante da democracia e da cidadania, quer seja por que vinculada aos valores morais ou: “uma didática dos valores republicanos e democráticos que não se aprendem intelectualmente apenas, mas, sobretudo pela consciência ética, que é formada tanto de sentimentos quanto de razão” (BENEVIDES, 1998, p. 38), quer seja, ainda, como contributo necessário a formação do comportamento, “no sentido de enraizar hábitos de tolerância ou solidariedade diante do diferente ou divergente, assim como o aprendizado da cooperação ativa e da subordinação do interesse pessoal ou de grupos ao interesse geral, ao bem comum” (BENEVIDES, 1998, p.38).

Um grande desafio da educação brasileira é romper com o modelo desigual e especialmente alterar o modo como a cultura africana e afro-brasileira é trabalhada no cotidiano escolar nacional.

Segundo Hernandez (2005):

O conjunto de escrituras sobre a África, em particular entre as últimas décadas do século XIX e meados do século XX, contém equívocos, pré-noções e preconceitos decorrentes, em grande parte, das lacunas do conhecimento quando não do próprio desconhecimento sobre o referido continente (HERNANDEZ, 2005, p.18).

Precisamos analisar a África sem nossos olhares eurocêntricos preconceituosos, pois sabemos que o eurocentrismo, através da ideologia do moderno, exalta os valores ocidentais e desconsidera os demais saberes. A respeito do eurocentrismo Aníbal Quinjano (2007) define que:

O eurocentrismo é, aqui, o nome de uma perspectiva de conhecimento cuja elaboração sistemática começou na Europa ocidental antes de meados do século XVII [...]. Sua constituição ocorreu associada à específica secularização burguesa do pensamento europeu e à experiência e necessidades do padrão mundial de poder capitalista, colonial/moderno, eurocentrado, estabelecido a partir da América [...]. Em outras palavras, não se refere a todos os modos de conhecer de todos os europeus e em todas as épocas, mas a uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento e sobrepondo-se a todas as demais, prévias ou diferentes, e a seus respectivos saberes concretos, tanto na Europa como no resto do mundo (QUINJANO, 2007, p.46).

A definição de Quinjano (2007), a qual compartilhamos, sobre eurocentrismo e a colocação de Hernandez (2005, p.17), “significa dizer que o saber ocidental constrói uma nova consciência planetária por visões de mundo, autoimagens e estereótipos que põem um ‘olhar imperial’ sobre o universo”, reforçam o eurocentrismo com atitude negativa de visão de e sobre a África.

## A presença do negro nas histórias em quadrinhos brasileiras

As histórias em quadrinhos na educação aparecem como recurso visual e didático para desenvolvimento de diversas temáticas e conteúdos disciplinares e/ou interdisciplinares. Apresentamos a seguir algumas definições sobre o que são histórias em quadrinhos e o que é identidade.

Os quadrinhos, como o próprio nome indica, são uma sequência. O que faz do bloco de imagens uma série é o fato de que cada quadro ganha sentido depois de visto o anterior, a ação contínua estabelece a ligação entre diferentes figuras (KLAWA e COHEM, 1977, p.110). [...] um veículo de expressão criativa, uma disciplina, uma forma artística e literária que lida com disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma ideia [...] arte sequencial. (EISNER, 1995, p.38)  
[...] imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinada a transmitir informações e/ou produzir uma resposta do espectador (MCCLLOUD, 1995, p.9).

A partir das definições sobre histórias em quadrinhos podemos utilizar esse recurso com todo o seu potencial no contexto educacional. Apresentamos, a seguir, dois momentos que apesar de serem tratados separadamente são interligados. O primeiro é o desenvolvimento do histórico da presença do negro nos quadrinhos brasileiros e o segundo é a análise das histórias em quadrinhos e o ensino da cultura afro-brasileira por meio de super-heróis negros.

As análises das histórias em quadrinhos podem ser feitas de diversos pontos de vista. Apesar da escolha feita no texto ser a análise da *identidade* dos super-heróis negros nos quadrinhos nacionais, outros elementos e questões pode ser trabalhado como a *análise das capas*, discutindo quem e como é representado o personagem ou grupo de personagens; a *representação espaço-temporal* das histórias em quadrinhos, destacando o período histórico retratado nos quadrinhos, se o enredo se passa no período colonial ou atual, se passa no espaço urbano ou no campo; as *paisagens e os modos de produção* que são retratados, se a história enfatiza as grandes cidades, os cortiços, as favelas, os condomínios ou áreas rurais, se enfatiza a grande produção, o trabalho assalariado ou trabalho escravo; os *elementos culturais* que são valorizados ao longo da história, como a vestimenta, o uso de armas e ferramentas de trabalho.

Sobre identidade Martino (2010) faz um amplo apanhado de teóricos e pensamentos sobre essa temática ligada à comunicação. Optamos pela ótica relacionada à comunicação, porque as histórias em quadrinhos caracterizam-se como uma linguagem. Para o autor, o que sabemos chega até nós por meio de narrativas, porque muitas vezes nós nunca contato direto com o fato. Tais narrativas nos socializam nos papéis de idade, gênero e assim por diante. Nos são oferecidos um modelo de conformidade ou contestação.

Destacamos que antes tais representações eram construídas de forma “artesanal” e hoje essas as construções são feitas em massa e são articuladas politicamente. A identidade ganha uma conotação de identificação por meio de modelos de representações e estão presentes nas histórias em quadrinhos (HQs).

Partimos para execução do projeto dividido em duas partes, um contextualizando o negro nas HQs nacionais, o surgimento, os principais personagens, os desenhistas que os criaram, as revista. É o momento de construir uma memória e entender como o negro foi e vem sendo representado nas HQs no Brasil.

Moacyr Cirne (1982) em seu livro *Uma introdução política aos quadrinhos* dedica um capítulo a questão do negro nos quadrinhos e ressalta.

Sim temos o racismo implícito, pela ausência (eis uma pergunta banal, porém pertinente: quantos são os heróis negros nas histórias em quadrinhos?), e temos o racismo explícito pelo paternalismo (um exemplo bastante conhecido é a aventura de Timtim na África, de Hérge, nos anos 30). Nos dois casos o homem branco será sempre o “ser superior” (CIRNE, 1982, p. 54).

A afirmação de Cirne (1982) deixa explícita uma situação internacional das histórias em quadrinhos que reflete diretamente no mercado editorial nacional. Porém o que diferencia a constatação feita por Cirne, na atualidade é o aumento

do número de publicações que procuram rever essa visão cultural dominante implantada nas histórias em quadrinho.

No Brasil, a primeiro negro presente nas histórias em quadrinhos foi na revista *Tico-Tico*, criada em 11 de outubro de 1905, tendo como alguns de seus personagens em quadrinhos o trio *Reco-Reco*, *Bolão* e *Azeitona*, dois meninos brancos e um negro, criados pelo cartunista Luís Sá. O *Azeitona* é considerado o primeiro personagem negro do quadrinho nacional.

Temos o *Gibi*, termo brasileiro surgido com a revista *Gibi*, em 12 de abril de 1939, pelo editor e proprietário Roberto Marinho, através do jornal O Globo. O logotipo da revista era o menino negro no alto da capa falando, em algumas vezes, a palavra “Pelé”. *Gibi* durante muito tempo no Brasil foi sinônimo de histórias em quadrinhos (termo oficial adotado no Brasil).

Nos anos sessenta os leitores foram apresentados ao *Pererê* (1958), criação de Zivaldo inspirada no folclore brasileiro. *Pererê* foi o primeiro personagem que tinha uma revista própria e teve boa aceitação naquela época.

Nesse mesmo período, nas aventuras do *Zé Carioca*, criação de Walt Disney, surgiu um personagem que nos anos setenta acabaria se transformando no melhor cozinheiro de feijoada da Vila Xurupita e um dos principais alvos dos golpes do papagaio malandro, o *Pedraão*.

Maurício de Sousa introduziu na Turma da Mônica o menino *Jeremias* em (1960) sendo durante muito tempo o único personagem afro-brasileiro da turma. No final dos anos setenta lançou nas bancas a história em quadrinhos *Pelezinho*, inspirado em histórias de infância do Rei do Futebol, contava a as aventuras de um garoto apaixonado por futebol (a revista circulou de 1977 – 1986) e recentemente (2012) a revista *Pelezinho* é relançada pela editora Panini, pela proximidade dos grandes eventos internacionais sediados pelo Brasil como a Copa das Confederações - 2013, a Copa do Mundo – 2014 e as Olimpíadas - 2016. Outro menino jogador de futebol *Ronaldinho Gaúcho* foi lançado em 2006 na turma da Mônica e contou com revista própria.

De acordo Leite (2013, p.4):

Desde a origem da produção de história em quadrinhos, os negros já eram retratados como selvagens. Nos enredos do Tio Patinhas, o patriarca e sua família se aventuravam pelo mundo, viajando pelo continente africano, ilustrado como um ambiente “povoado por selvagens, canibais”, que trocavam favores por dinheiro. Aos poucos, esse enquadramento vem mudando, e atualmente, esclarece, “existe uma gama muito grande de produções que procuram apresentar personagens negros e negras de forma positiva”, colocando em primeiro plano a história do povo.

Segundo Leite (2013), porque está ocorrendo uma transformação na forma de enxergar os afrodescendentes brasileiros. Mais do que nunca, os negros devem ser representados nas histórias em quadrinhos com uma imagem de lutadores, vencedores perante as adversidades de uma realidade social mundial e brasileira preconceituosa e racista em suas mais diversas manifestações.

As histórias em quadrinhos podem ser utilizadas para representar graficamente aspectos sociais de sociedades e comunidades humanas no contexto socioespacial. Também é um registro histórico da época em que foi produzido, tendo referências históricas e de vida de seu autor; o conjunto de valores e ideologias reproduzidas de forma direta e subliminar contidas na história em quadrinhos.

As possibilidades das análises das histórias em quadrinhos étnicas são diversas, como sua própria produção em contínuo crescimento.

A questão cultural, reprodução de manifestações materiais e imateriais de uma determinada etnia, comunidade ou civilidade/sociedade, foi, sim, importante na elaboração destas duas obras, como em outras mais. As duas obras são determinadas pela recuperação da história e da cultura de populações negras africanas e brasileiras, em relação com a própria formação da história e da cultura brasileira. A cultura negra, afro, é uma personagem presente e atuante na grande maioria das obras por mim analisadas.

Os personagens negros são apresentados tanto como submissos, escravizados, excluídos, como também revoltosos, libertários, militantes, orgulhosos de sua história/cultura. Podemos observar nas leituras das imagens e textos das obras até aqui citadas ideias e formas de observar o mundo real de outras épocas históricas: o preconceito com os indivíduos e populações afrodescendentes escravizadas ou libertas no Brasil; a presença negra na história brasileira, como submissos ao poder das elites brancas, ou revoltosos e violentos contra esta mesma elite e seus mecanismos de dominação; a resistência e perseverança de indivíduos e grupos afrodescendentes organizados contra a repressão e violência racial na sociedade brasileira; enfim, um conjunto considerável de informações a serem analisadas e problematizadas pelos pesquisadores e educadores atentos a estas obras em história em quadrinhos (LEITE, 2013, p.3).

Atualmente, existe uma gama muito grande de produções que procuram apresentar personagens negros e negras de forma positiva, em primeiro plano, na sua própria história.

## As histórias em quadrinhos e o ensino da cultura afro-brasileira por meio dos super-heróis negros

A necessidade de cumprimento de determinações educacionais estabelecidas por órgãos governamentais, como também de sanar uma demanda legal apresen-

tada por diversos movimentos sociais em defesa da construção e/ou recuperação de uma história e de uma identidade afro-brasileira.

Esta demanda tornou-se juridicamente legal através da lei federal nº 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de conhecimentos e histórias das populações afro-brasileiras e africanas, porém fica um questionamento: A Lei 10.639/03 está aí, porém a cumprimos?

De acordo com a Lei 10.639/03 é urgente uma pedagogia multirracial, práticas pedagógicas desafiadoras, críticas, coletivas e emancipatórias. A lei exige desacomodar conceitos, resgatar a nossa temporalidade como um sujeito histórico que construímos este País.

As histórias em quadrinhos poderão auxiliar nestas questões. Existem poucos livros didáticos gratuitos aos estudantes e escolas que trabalhem a história e a cultura africana e afro-brasileira. Assim, os quadrinhos poderão ser utilizados para ilustrar ou explicar histórias e situações ficcionais ou real-históricas sobre a sociedade brasileira nos seus preconceitos, estereótipos, nos seus valores e construções históricas ao público leitor destas obras, seja qual for a sua etnia.

Os heróis negros dos desenhos ajudam na conscientização e na humanização dos jovens leitores, embora não exista material suficiente sobre a leitura desses quadrinhos e de sua aceitação, ou não, por parte dos alunos da rede escolar pública ou privada no Brasil.

Apresentamos, a seguir, duas possibilidades para serem utilizadas para contextualização em sala de aula: as histórias em quadrinhos de fatos históricos e seus heróis negros, e as histórias em quadrinhos de super-heróis negros.

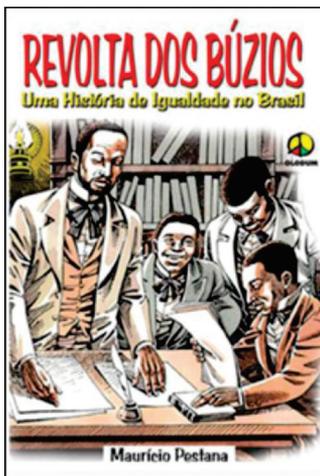
#### *As histórias em quadrinhos de fatos históricos e seus heróis negros*

Com base na Lei 10.639/03 foi possível a produção de um número maior de histórias em quadrinhos que trabalham numa perspectiva de valorização da cultura afro-brasileira e africana no Brasil. Desta forma os heróis negros que tinham pouco ou nenhum espaço no contexto educacional brasileiro passam a estar presente cada vez mais presente no espaço escola.

Em meio o leque de publicações existentes que se avolumam cada vez mais, seja pelo mercado editorial ou por propostas independentes dos movimentos sociais e/ou ações afirmativas ligadas ao Estado, escolhemos dois exemplos para compor nossa projeto: A Revolta dos Búzios: Uma História de Igualdade no Brasil e Zumbi. A seguir descrevemos e analisamos brevemente as histórias em quadrinhos.

A História em quadrinhos *Revolta dos Búzios: uma História de Igualdade no Brasil* (Figura 1) compactua com a perspectiva de valorização da cultura afro-brasileira e africana no meio educacional brasileiro. Ela também permite maior visibilidade da imagem dos afrodescendentes nos meios de comunicação.

A HQ faz parte da Série Olodum Griô, parceria do quadrinhista Maurício Pestana e da ONG Olodum, de Salvador. A proposta deles é contar histórias que mostrarão as contribuições dos negros na construção do Brasil.



**Figura 1** - Capa da *Revolta dos Búzios: uma história de igualdade no Brasil*

Fonte: <http://www.institutobuzios.org.br/revolta.html>

Na história em quadrinhos *A Revolta dos Búzios*, temos uma história de igualdade no Brasil. Na obra, é relatada a história do maior movimento de revolta e rebelião urbana e popular do Brasil Colonial. Uma revolta daqueles que sonhavam com uma república democrática no Brasil com o fim da escravidão e das desigualdades entre brancos e negros.

A *Revolta dos Búzios* também conhecida como *Conjuração Baiana* e *Revolta dos Alfaiates*, foi deflagrada na então capitania da Bahia em 12 de agosto de 1798, com caráter popular e defendendo a instauração de uma república na Bahia. O espírito abolicionista foi um dos pilares da conjuração, sob os ideais franceses da Igualdade, Liberdade e Fraternidade.

Esta HQ tem como objetivo muito mais que a história em quadrinhos em si. A Escola Olodum, braço educacional do Olodum, encabeçou reivindicações de reconhecimento e valorização dos heróis como Lucas, Dantas, Manoel Faustino, Luís Gonzaga e João de Deus da *Revolta dos Búzios*; bem como outros e perso-

nagens negros participantes de movimentos e organizações de luta histórica pelo reconhecimento da história e direitos afro-brasileiro.

O cartunista gaúcho Ruy Jobim Neto é o autor e desenhista da história em quadrinhos *Zumbi* da coleção Heróis do Brasil da editora Bentivegna. Nesta HQ um tucano conta a história do grande chefe guerreiro do Quilombo dos Palmares.

Zumbi dos Palmares nasceu no estado de Alagoas no ano de 1655. Foi um dos principais representantes da resistência negra à escravidão na época do Brasil Colonial. Foi líder do Quilombo dos Palmares, comunidade livre formada por escravos fugitivos das fazendas. Ele é considerado um dos grandes líderes de nossa história. Símbolo da resistência e luta contra a escravidão, lutou pela liberdade de culto, religião e prática da cultura africana no Brasil Colônia.

A HQ *Zumbi* luta por uma transformação na forma de enxergar homens, mulheres, crianças, idosos negros/afrodescendentes/brasileiros nas histórias em quadrinhos como participante da sua própria história e da história das nações em que se encontraram e se encontram na atualidade.

Em *Zumbi* personagens masculinos e femininos com um teor, uma imagem de lutadores, vencedores perante as adversidades de uma realidade social mundial e brasileira preconceituosa e racista em suas mais diversas manifestações.

A identidade negra nas histórias em quadrinhos *A Revolta dos Búzios* e *Zumbi* emergem no contexto político que essas histórias ocorrem e no momento que são retratadas, auxiliando numa leitura sem preconceitos dominantes e contribuindo para uma educação étnico-racial plural e igualitária.

## As histórias em quadrinhos de super-heróis negros

As histórias em quadrinhos procuram valorizar aspectos culturais e sociais, desta forma alguns traços de identidade cultural marcadamente afro-brasileira emergem como característica étnico-racial nas HQs nacionais. Os capoeiristas constituem num grupo de personagem presentes em várias publicações nacionais de HQs seriadas ou como obras únicas, em editoras pequenas ou em edições independentes. As edições independentes em sua maioria são quando as HQs são publicadas em *Fanzines* (publicação de pequena tiragem).

Esses personagens, os super-heróis capoeiristas estão presentes desde a década de 1970 no Brasil e assumem cada vez mais sua identidade afro-brasileira. Na sequência apresentamos a seleção de HQs brasileira de super heróis negros.



**Figura 2** - Capas de corcel Negro 4, 5 e 6.

Fonte: <http://www.jupiter2hq.blogspot.com.br/p/super-herois.html>

O *Corcel Negro* é uma criação de Alcivan Gameleira no começo deste século XXI em 2004, o personagem é bastante conhecido entre os fanzineiros, tendo tido HQs publicadas no *Heróis Brazucas* de Francinildo Sena, um compendio com vários super heróis brasileiros bem como em dezenas de fanzines próprios (Figura 2).

O personagem *Corcel Negro* chama-se Santiago, é um mutante surdo-mudo capaz de adaptar habilidades alheias. Devido à perfídia de um inimigo que ele nem sabe quem é, foi jogado num espiral de tempo, que o leva a viver aventuras em diferentes épocas e locais na História.

O *Capoeira Negro* foi criado por Alex Cruz, o *Capoeira Negro* usa a capoeira para combater o crime. Seu primeiro número foi publicado pela editora Júpiter II em setembro de 2008 e, no final de agosto de 2010, após quase dois anos de espera, foi lançado o segundo número, onde o herói capoeirista enfrenta uma quadrilha de sequestradores. O texto é de Antonio Pereira Mello.

*Aú, o Capoeirista* é uma criação do cartunista baiano Flávio Luiz. O herói é um capoeirista de 16 anos, muito simpático e corajoso, que está sempre acompanhado de Licuri, seu mico de estimação. Na primeira aventura enfrenta um sequestrador, lançada em livro em outubro de 2008.

*Meia-Lua: o Rei da Capoeira* é um personagem criado por Julio Shimamoto, *Meia-Lua* o mais antigo super-herói negro dos quadrinhos nacional, tinha suas aventuras publicadas na revista *Kiai – Faixa Preta em Quadrinhos*, da Editora Grafipar (1979). O desenho é do próprio idealizador do personagem Julio Shimamoto

e o roteiro é de Hayle Gadelha. Uma reedição foi lançada pela Editora Júpiter II em 2010, com capa e cores de Aداuto Silva. Espera-se como essa iniciativa retomar a publicação dessa importante HQ nacional.

Os personagens capoeiristas assumem a identidade afro-brasileira como sendo a forma de ver o mundo. Portanto, entender e contextualizar a identidade dos personagens é entender a visão de mundo desses personagens.

Os super-heróis negros Santiago (*Corcel Negro*), *Capoeira Negro*, *Aú*, e *Meia Lua* têm em comum é a cultura africana e afro-brasileira e o domínio da capoeira. Eles assumem uma conotação que foge aos modelos externos e como são HQs podem ter acesso mais fácil no contexto educativo enquanto material didático alternativo para educação étnico-racial.

Ao findar desta etapa, os grupos devem preparar a exposição do material pesquisado. Sugerimos inicialmente dois formatos de divulgação do projeto: a roda de conversa e a montagem de um cartaz com o material pesquisado. Na roda de conversa os grupos podem apresentar como realizaram o trabalho e explicar o que aparece nos cartazes e a lógica da montagem.

Outras formas de divulgação do projeto podem ser feitas, como a produção de um *fanzine* contendo o material pesquisado, reunindo textos e imagens dos personagens e das capas das HQs. Para as turmas que tenham maior disponibilidade de acesso às salas de informática, a criação de um *blog* e/ou um jornal escolar.

## Considerações Finais

O uso da pedagogia de projetos no ensino de geografia é um convite à interdisciplinaridade e acima de tudo uma grande mudança na escola, portanto, as disciplinas escolares só têm a ganhar, porém necessita do envolvimento direto do professor, um professor comprometido com a pesquisa com a curiosidade do e sobre o mundo. Essa postura exige uma formação comprometida com a prática pedagógica do cotidiano da escola e com os novos desafios educacionais

Na análise das histórias em quadrinhos sobre a questão afro-brasileira, podemos observar principalmente obras com preocupação com uma análise histórica baseada em um ponto de vista militante e engajada com a causa da recuperação de uma história afrodescendente verossímil: a construção de um maior respeito pela herança de sofrimentos e lutas do povo afro-brasileiro, por respeito ao seu espaço na sociedade brasileira, bem como obras que permitem a divulgação da cultura afro-brasileira para um público mais amplo.

A pesquisa é um convite a pensar em projetos no ensino de geografia articulando o potencial interdisciplinar do ambiente escolar como espaço educativo e apresenta experiências que podem ser feitas com base na Lei 10.639/03.

As categorias geográficas devem ser ensinadas tendo em vista que essa ciência permite compreender a dinâmica do espaço social contemporâneo, qualquer que seja a escala da análise. Dessa maneira, as reflexões atinentes ao processo educacional, e, em especial, ao papel da Geografia, proporcionam uma melhoria da qualidade do ensino, essenciais para a construção da cidadania plena em meio à diversidade étnico-racial.

Com base na Lei 10.639/03 devemos assumir o desafio de construir uma educação para igualdade racial, com uma formação humana que construa valores não racistas e o ensino de geografia deve colaborar com o rompimento dos modelos orientados historicamente de forma eurocêntrica e hegemônica e colaborar na construção de uma educação étnico-racial nas escolas brasileiras de forma igualitária onde a História e a Cultura Africana e Afro-Brasileira estejam presentes.

## Referências

- BENEVIDES, M.V. M. *A Cidadania Ativa*. São Paulo, Ática, 1998.
- BRASIL. *Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC, 2005.
- CIRNE, M. *Uma introdução política aos quadrinhos*. Rio de Janeiro: Archiamé, 1982.
- EISNER, W. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FAZENDA, I. C. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. Campinas: Papirus, 1994.
- HERNANDEZ, L. L. *África na Sala de Aula: Visita à História Contemporânea*. São Paulo, Selo Negro Edições, 2005.
- LEITE, C. *A presença de heróis negros nos gibis*. [Disponível no site: <http://www.ihuonline.unisinos.br>, acessado em 10 de maio de 2013]
- MARTINO, L. M. S. *Comunicação & identidade: quem você pensa que é?* São Paulo: Paulus, 2010.
- MCCLLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos – história, criação, desenho, animação e roteiro*. São Paulo: Ed. M. Books, 1995.
- SANTOS, R. A Lei 10.639 e o ensino de geografia: construindo uma agenda de pesquisa-ação. *Tamoios*, VII, 1, 4-24, 2011.